

SABERES DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE A SAÚDE DA POPULAÇÃO LGBT DEBATIDOS VIA WEB RÁDIO

Raimundo Augusto Martins Torres
Universidade Estadual do Ceará-UECE
augusto.torres@uece.br

Caroline Batista Melo
Universidade Estadual do Ceará-UECE
carolmelo8@yahoo.com.br

Leidy Dayane Paiva de Abreu
Universidade Estadual do Ceará-UECE
dayannepaiva@hotmail.com

Karlla da Conceição Bezerra Brito Veras
Universidade Estadual do Ceará-UECE
karlla_veras@hotmail.com

RESUMO

No Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará (UECE), os estudantes têm a oportunidade de vivenciar diversas plataformas e linguagens, como a Web Rádio AJIR, que é uma Tecnologia Digital de Informação e Comunicação (TDIC). Na disciplina de Políticas e Saberes em Saúde Coletiva, foi ofertada a oportunidade de debater sobre temáticas não contempladas formalmente no decorrer da graduação. Nessa disciplina, é utilizado o programa Enfermagem Digital, da Web Rádio AJIR, que ancora as estratégias de ensino no formato de *web* seminários facilitados pelos estudantes da própria graduação. A temática “Saúde da população LGBT” foi um dos temas sorteados e abordados. O estudo teve como objetivo analisar os saberes dos estudantes de enfermagem da UECE produzidos nos *web* seminários sobre a saúde da população LGBT, no programa Enfermagem Digital, da Web Rádio AJIR. Caracterizou-se como uma pesquisa documental e exploratória, com abordagem qualitativa, que utilizou a sistematização da análise de conteúdo de Minayo (2002) para análise e tratamento de dados. A equipe de estudantes teve a iniciativa de debater sobre a Política Nacional de Saúde Integral LGBT, além de outros temas polêmicos, como o casamento entre homossexuais e a adoção por casais homoafetivos. Com este estudo, possibilitou-se uma aproximação entre a formação de futuros enfermeiros no âmbito local e suas percepções sobre a saúde da população LGBT a partir da análise dos saberes dos acadêmicos por meio do programa Enfermagem Digital da emissora digital Web Rádio AJIR.

Palavras-chave: Enfermagem. Saúde. Diversidade Sexual. Tecnologia.



KNOWLEDGE OF NURSING STUDENTS ABOUT THE LGBT POPULATION HEALTH DEBATED VIA WEB RADIO

ABSTRACT

In the graduation course in Nursing at the State University of Ceará (UECE), students have the opportunity to experience various platforms and languages, such as the AJIR Web Radio, which is a DICT (Digital Information and Communication Technology). Thus, in the subject Policies and Knowledge in Collective Health was offered the opportunity to discuss topics that are not formally contemplated during graduation. In the subject, is used the program Digital Nursing of the Web Radio AJIR, which anchors teaching strategies, in the format of web seminars, facilitated by the students of the said graduation course. The theme "LGBT population health" was one of the themes drawn and addressed. Thus, the study aimed to analyze the knowledge of nursing students at UECE through web seminars about LGBT population health in the program Digital Nursing of the Web Radio AJIR. It is characterized as a documentary and exploratory research, with a qualitative approach, which used the systematization of Minayo's content analysis (2002) for data analysis and processing. The student team had the initiative to discuss the National LGBT Comprehensive Health Policy, as well as controversial topics such as gay marriage and adoption by homosexual couples. Thus, this study allowed an approximation between the training of future nurses at the local level and their perceptions about LGBT population health, based on the analysis of the knowledge of the academics through the program Digital Nursing of the digital radio Web Radio AJIR.

Keywords: Nursing. Health. Sexual Diversity. Technology.

SABERES DE LOS ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA SOBRE LA SALUD DE LA POBLACIÓN LGBT DEBATIDOS VIA WEB RADIO

RESUMEN

En el Curso de Graduación en Enfermería de la Universidad Estatal de Ceará (UECE), los estudiantes tienen la oportunidad de vivir diversas plataformas y lenguajes, como la Web Radio AJIR, que es una Tecnología Digital de Información y Comunicación (TDIC).

En la disciplina de Políticas y Saberes en Salud Colectiva se ofreció la oportunidad de debatir sobre temáticas que no se contemplan formalmente en el curso de graduación. En la disciplina se utiliza el Programa: Enfermería Digital de la Web Radio AJIR, que ancla las estrategias de enseñanza en el formato de *web* seminarios facilitados por los estudiantes de la propia graduación. La temática “Salud de la población LGBT” fue uno de los temas sorteados y abordados. El estudio tuvo como objetivo analizar los saberes de los estudiantes de enfermería de la UECE, producidos en los *web* seminarios sobre la salud de la población LGBT, en el programa Enfermería Digital, de la Web Radio AJIR. Se caracteriza como una investigación documental y exploratoria, con abordaje cualitativo, que utilizó la sistematización del análisis de contenido de Minayo (2002) para análisis y tratamiento de datos. El equipo de estudiantes tuvo la iniciativa de debatir sobre la Política Nacional de Salud Integral LGBT, así como temas polémicos como el matrimonio entre homosexuales y la adopción por parejas homoafectivas. Con este estudio, se posibilitó una aproximación entre la formación de futuros enfermeros en el ámbito local y sus percepciones sobre la salud de la población LGBT, a partir del análisis de los saberes de los académicos, por medio del Programa “Enfermería Digital” de la emisora digital Web Radio AJIR.

Palabras clave: Enfermería. Salud. Diversidad Sexual. Tecnología.

1 INTRODUÇÃO

Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais são os sujeitos agrupados na sigla LGBT, que se destina a promover a pluralidade das culturas baseadas em orientação sexual e identidade de gênero, culminando no termo diversidade sexual. Esse termo corresponde ao reconhecimento das diferentes possibilidades de manifestação da sexualidade ao longo da existência dos seres humanos.

Identidade de gênero e orientação sexual têm diferentes papéis na construção de um sujeito. A orientação sexual concerne à atração afetivo-sexual, compondo a maior parte da sigla: L (mulheres que têm atração afetivo-sexual por pessoas de gênero igual); G (homens que têm atração afetivo-sexual por pessoas de gênero igual); B (tem atração afetivo-sexual por pessoas de ambos os gêneros). Gênero se refere à maneira como a pessoa se identifica dentro dos papéis de gênero colocados pela sociedade, podendo ser cisgênero (pessoa que se identifica com o sexo com que nasceu) e transgênero (pessoa que não se identifica com o sexo com que nasceu). Esses últimos compõem a letra T (BRASIL, 2017).

No campo das demandas e singularidades dos sujeitos políticos que integram o movimento, o acesso à segurança e à saúde de qualidade são alguns dos principais percalços que ainda existem diante dessa população.

Quebrar a barreira do silêncio é essencial para o reconhecimento das desigualdades. Com essa finalidade, a educação atua como um dos principais agentes responsáveis pela produção, reprodução e naturalização de preconceitos, tornando-se um agente importantíssimo para a promoção e garantia de espaços livres de discriminações. Ao mesmo tempo, quando abordada de uma forma crítica e democrática, também desconstrói mitos, verdades fixas e estereótipos de gênero, classe, sexo e raça.

Nesse sentido, é de grande importância incluir, nas instituições de ensino, atividades educativas relacionadas à temática LGBT. Por isso, o curso de graduação em Enfermagem da UECE propõe-se a formar profissionais que futuramente desenvolvam essa prática, comprometidos com as demandas sociais de saúde da população em geral, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS).

É nesse contexto que surge a Web Rádio AJIR, para servir de estratégia de educação em saúde, como agenda dos programas de extensão de Enfermagem na UECE, assim também dos de pesquisa e ensino, tanto na graduação quanto na pós-graduação, já que se utiliza de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como ferramenta de aprendizagem para estudantes da área de saúde e para a população em geral. “As TDIC compreendem um conjunto de recursos tecnológicos, computacionais e de multimídia dedicados ao armazenamento, processamento e comunicação da informação” (TORRES; SILVA, 2016, p. 321).

Diante desta modernização da educação, o ambiente universitário não poderia se eximir de incorporar e disponibilizar tecnologias de informação e comunicação, o que é, de fato, uma necessidade. Embora em pequena escala, mudanças curriculares vêm implementando o uso de TIC na educação superior como ferramenta de suporte ao ensino tradicional e também como forma de dialogar com a atual conjuntura da sociedade, através da Educação a Distância (EAD).

No Curso de Graduação em Enfermagem da UECE, os estudantes têm a oportunidade de vivenciar e utilizar uma variação das TIC que faz uso de diversas plataformas e linguagens: a Web Rádio AJIR – que se qualifica como uma Tecnologia Digital de Informação e Comunicação (TDIC). Esse canal digital tem como intuito promover programas *on-line* com temas relacionados à comunicação, educação, saúde, cultura, esporte, lazer, arte, literatura, entre outros assuntos.

A Rádio AJIR é uma emissora *on-line* articulada entre a Associação dos Jovens de Irajá e o Laboratório de Práticas Coletivas em Saúde (LAPRACS), com apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), da Universidade Estadual do Ceará. Com essa ferramenta, os estudantes e professores (as), desenvolvem atividades de

extensão, de pesquisa e ensino, através dos programas Em Sintonia com a Saúde (S@S) e Enfermagem Digital. Esse primeiro programa tem registro no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEP) da universidade, sob o número 3175/2009.

Na disciplina de Políticas e Saberes em Saúde Coletiva, é facultada a oportunidade de debater sobre essas temáticas, não contempladas formalmente no decorrer da graduação. Na disciplina, é utilizado o Programa Enfermagem Digital, da Web Rádio AJIR, que ancora as estratégias de ensino no formato de *web* seminários, os quais acontecem no decorrer da disciplina, no 5º semestre da graduação em Enfermagem e são facilitados pelos estudantes da própria graduação como conteúdo programático curricular.

A temática “Saúde da população LGBT” sempre aparece entre os temas sorteados e abordados, fazendo com que estudantes que nunca entraram em contato ou nunca demonstraram interesse pela temática deem os seus primeiros passos em direção à temática, uma vez que são todos corresponsáveis por explicitá-la.

A realização dessa pesquisa visa a analisar quais os saberes produzidos pelos estudantes de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará sobre saúde da população LGBT e como eles podem modificar ou reforçar estereótipos e preconceitos relacionados à saúde da população LGBT.

Essa estratégia pedagógica de ensino e formação em Enfermagem, que contempla temáticas a partir dos *web* seminários organizados, produzidos e apresentados pelos estudantes de enfermagem no Programa Enfermagem Digital, trazido ao ar através da Web Rádio AJIR, convida-nos a realizar algumas indagações: Que saberes esses debates com essas problematizações fazem emergir? Tais discussões possibilitam o progresso do entendimento das políticas de saúde para atender as diversidades das demandas de saúde dessa população pelos estudantes?

Para responder a esses questionamentos, o presente estudo tem como objetivo analisar os saberes dos estudantes de enfermagem da UECE produzidos nos *web* seminários sobre a saúde da população LGBT no Programa Enfermagem Digital, da Web Rádio AJIR, identificando os conhecimentos dos estudantes sobre a saúde da população LGBT e compreendendo como eles dialogam com o uso das tecnologias digitais em saúde da população LGBT.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como documental exploratório, com abordagem qualitativa, que objetivou analisar os saberes produzidos pelos estudantes com relação à saúde da população LGBT através do uso das Tecnologias Digitais da Informação e

Comunicação (TDIC) no processo de formação do curso de graduação em enfermagem da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Foram consultados os conteúdos dos arquivos de áudio em formato MP3, registrados nos períodos letivos de 2015 a 2017, dos Web Seminários sobre Política Nacional de Equidade da Saúde da População LGBT, gravados no Programa Enfermagem Digital através da Web Rádio AJIR, como requisito didático e pedagógico do conteúdo programático da disciplina de Políticas e Saberes em Saúde Coletiva do curso de graduação em Enfermagem da UECE.

Foram utilizados os dados das interações ao vivo, gerados nos programas, para a análise das perguntas, que são substratos discursivos dos jovens, nas escolas. As perguntas-discursos comportam saberes, discursos e práticas dos(as) estudantes, problematizando os temas nos *web* seminários, visto que são sujeitos em constantes interações sociais e culturais, o que lhes possibilita aprender e compartilhar seus modos de ver e dizer a vida (TORRES et al., 2015).

Os temas abordados nos Web Seminários são divididos entre grupos de quatro a cinco membros, de alunos que cursem a disciplina em questão. Essa divisão acontece por sorteio e cada grupo fica responsável por produzir um programa na *web* rádio. Cada temática deve possuir uma pergunta âncora, responsável por direcionar o programa.

Como critérios de inclusão do material multimídia na pesquisa, foram selecionados aqueles relacionados à temática de Saúde da População LGBT, com qualidade audível e compreensível para análise. Como critérios de exclusão automática, aqueles que não eram relacionados com a temática ou estavam em condições inadequadas para transcrição e análise.

A coleta de dados aconteceu nos meses de agosto a outubro do ano de 2017. Foram consultados os *web* seminários realizados com a temática de Saúde da População LGBT, produzidos pelos estudantes através da Web Rádio AJIR. Foram utilizados quatro arquivos, dos quais foram transcritos e analisados os dados, dando sequência às etapas da pesquisa.

As falas dos estudantes foram identificadas no decorrer do trabalho com a letra A, juntamente com um número, correspondente ao número total de estudantes, de acordo com sua aparição nos *web* seminários, considerando-se a ordem cronológica (2015 a 2017), conforme descrito a seguir: 2015.2 – alunos A1 a A5; 2016.1 – alunos A6 a A10; 2016.2 – A11 a A14; e 2017.1 – A15 a A17. O total de alunos foi concluído a partir da identificação e distinção de vozes no decorrer do programa, assim como a apresentação inicial dos grupos que participaram de alguns *web* seminários. Os comentários de ouvintes também foram organizados cronologicamente com o uso da letra C.

A presente pesquisa também investigou as perguntas-discursos de algumas edições do programa “Em Sintonia com a Saúde”, pertencente à Web Rádio AJIR,

somente com a temática de Saúde da População LGBT, transmitidas nos semestres letivos de 2015 a 2017. Também foram utilizados os dados das interações ao vivo gerados nos programas, para a análise das perguntas, substratos discursivos dos acadêmicos de enfermagem na busca de analisar a posição dos participantes para com a temática.

A análise de dados é fundamentada na análise de conteúdos, que, segundo Minayo (2002, p. 74), pode ser utilizada para “descobrir o que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado”.

Este estudo faz parte de um projeto guarda-chuva, já apreciado e aprovado pelo comitê de ética em pesquisa, o qual obteve o parecer de número 11043817-5, dado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A pergunta-âncora como guia do programa

A pergunta-âncora é uma indagação desenvolvida pela equipe responsável pelo *web* seminário que se refere à temática abordada no dia, no caso a Saúde da População LGBT. Trata-se de uma espécie de provocação para que os ouvintes possam pesquisar sobre o tema, envolver-se mais com o programa e concorrer a prêmios fornecidos pela equipe.

Observou-se, no decorrer da coleta e análise de dados, que a pergunta-âncora, em todos os arquivos analisados foi, de certa forma, reflexo de qual seria o foco principal dado pelos estudantes no decorrer dos *web* seminários. Muitas das perguntas-âncora, três das quatro analisadas, foram relacionadas a questões legislativas, como portarias. O quadro a seguir apresenta as perguntas-âncora.

Quadro 1 – Apresentação das perguntas-âncora produzidas pelos estudantes nos Programas de Saúde da População LGBT. Fortaleza-Ceará, 2015 a 2017.

| Data | Semestre Letivo | Pergunta-âncora |
|----------|-----------------|---|
| 4/9/2015 | 2015.2 | A portaria de Nº 2.803 de 19 de novembro assegura qual direito da população LGBT? |
| 4/2/2016 | 2016.1 | O que significa a sigla ABGLT? |

Continuação

| | | |
|-----------|--------|--|
| 9/6/2017 | 2016.2 | Quais os objetivos e a marca da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) instituídos pela portaria Nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011? |
| 7/12/2017 | 2017.1 | Qual a portaria que instituiu, no âmbito do SUS, a Política Nacional de Saúde LGBT? |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Reconhecer que os ganhos dessa minoria foi resultado de muita luta, organização e determinação foi uma das conclusões atingidas e exteriorizadas pelos estudantes, como retratou a fala a seguir do aluno (A17): “É importante falar que o surgimento dos objetivos e diretrizes nada mais é do que a manifestação das necessidade e demandas que esse povo ia trazendo durante o seu histórico de luta”. Assim como foi expressado por meio de comentários de alguns ouvintes. “São minorias que ainda sofrem muito preconceito, muito necessário conhecer a história de luta da população LGBT”.

Após a breve análise histórica apresentada, os *web* seminários voltaram-se para diferentes eixos de desenvolvimento. Apesar de três dos quatro possuírem políticas como foco de suas respectivas perguntas-âncora, somente o apresentado em 2017.2 construiu seu eixo em torno da Política Nacional de Saúde da População LGBT. Na tabela a seguir é possível ver quais os eixos que cada apresentação construiu.

Quadro 2 – Apresentação dos eixos dos *web* seminários produzidos pelos estudantes nos Programas de Saúde da População LGBT. Fortaleza-Ceará, 2015 a 2017.

| Data | Semestre Letivo | Eixos |
|-----------|-----------------|---|
| 4/9/2015 | 2015.2 | Violência e discriminação contra a população LGBT |
| 4/2/2016 | 2016.1 | Direitos iguais e simbologias da comunidade LGBT. |
| 9/6/2017 | 2016.2 | Vulnerabilidades e suas repercussões na saúde. |
| 7/12/2017 | 2017.1 | Política Nacional de Saúde da População LGBT. |

Fonte: Elaborado pelos autores.

É possível traçar um paralelo entre as respostas das perguntas-âncora e os eixos sobre os quais cada *web* seminário foi construído. No programa de 2015.2, a pergunta-âncora foi voltada para a Portaria de Nº 2.803, de 19 de novembro 2013, que tem como resposta dada pela própria equipe a seguinte: “Assegura o direito de

a pessoa ser tratada pelo nome social, além de aprimorar a conduta de atendimento oferecida pelo SUS a esse público específico”.

O grupo construiu seu programa em torno dos conceitos da violência, do preconceito, da discriminação, e sobre quais as suas proporções sobre a população LGBT, como retratam as seguintes falas:

✓ “Então, esse ato de estereotipar acaba criando uma categoria social, no caso os homossexuais, que são altamente estigmatizados, reduzidos a pessoas defeituosas e inferiores. Então, os LGBT sempre foram e continuam sendo alvos de discriminação, que se expressa por meio de rejeição” (A3).

✓ “No Brasil, a violência contra a população LGBT assumiu uma proporção enorme, e é possível afirmar que a população LGBT é o setor social mais exposto à criminalidade violenta, bem como à discriminação e ao preconceito em geral. Embora nem sempre gere marcas físicas, eles acabam sendo segregados socialmente” (A4).

✓ “A população LGBT, devido à não adequação de seu gênero com o sexo biológico e também à identidade sexual, que não é aceita pela sociedade, tem os direitos humanos básicos agredidos. Muitas vezes, essa população se encontra em situação de vulnerabilidade” (A5).

As políticas apresentadas também foram comentadas, de forma a se evidenciar as partes que impulsionam o combate às diversas formas de violência a que a população LGBT está exposta, inclusive a falta de informação e/ou interesse que muitos dos profissionais de saúde demonstram ao lidar com essa minoria e a falta de respeito ao uso do nome social de pessoas transexuais e travestis.

O *web* seminário de 2016.1 foi o único voltado para uma das primeiras e mais importantes instituições sociais voltadas para esse público, a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos – ABGLT. O grupo optou por focar sua apresentação em tópicos que fortalecem a população LGBT para além de legislação, tais como grupos e simbologias importantes para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, como mostram as seguintes frases:

✓ “Outro fato importante que podemos falar é sobre Harvey Bernard Milk, que era de São Francisco, nos EUA: nasceu na década de 1930. Inicialmente, ele era um comerciante do Bairro Castro, que era um reduto da comunidade homossexual de São Francisco. Ele foi um político e ativista gay estadunidense. Ele foi atrás dos direitos da população LGBT na época. Ele também foi o primeiro homem abertamente gay eleito para um cargo político na Califórnia” (A6).

✓ “A ABGLT foi criada em 31 de janeiro de 1995, com 31 grupos fundadores. Hoje é uma rede nacional de 308 organizações afiliadas e é a maior rede LGBT na América latina. A Missão da ABGLT é promover ações que garantam os direitos e a cidadania dessa população LGBT, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática, na qual nenhuma pessoa seja submetida a quaisquer formas de discriminação, coerção e violência em razão de sua orientação sexual” (A7).



✓ “As comunidades LGBT adotam vários símbolos com os quais se identificam e que demonstram união, orgulhos e partilham valores. Esses símbolos LGBT comunicam ideias, conceitos e identidades. Um dos símbolos mais conhecido é a bandeira do orgulho LGBT” (A8).

A equipe também teve a iniciativa de debater temas mais polêmicos como o casamento entre homossexuais e a adoção por casais homoafetivos, inclusive embasando seu discurso nas leis e na própria Constituição, com o objetivo de enaltecer o fato de que todos são iguais e possuem os mesmos direitos.

No semestre de 2016.2, o eixo escolhido pelos estudantes foi iniciado com a Política Nacional de Saúde Integral LGBT. Contudo, houve direcionamentos para as vulnerabilidades a que essas populações estão expostas e para as suas respectivas repercussões na saúde dessa minoria, como se pode observar na resposta dada pela equipe à própria pergunta-âncora: “Quais os objetivos e a marca da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) instituídos pela portaria Nº 2.836, dia 1º de dezembro de 2011?”

Com essa discussão, o programa evoluiu para um teor político mais crítico diante da realidade social em que estamos envolvidos e, como isso, contribuiu para a manutenção da população à margem da sociedade, sendo esta machista, heteronormativa e LGBTfóbica.

✓ “Nós sabemos que a diversidade sexual e de gênero não é um assunto amplamente reproduzido e largamente debatido, pois há uma disputa pública por instituições que visam a estabelecer a moda da heterossexualidade, o qual afirma os desejos afetivos por sexos opostos, e cisgeneridade, o qual sugere aceitar o gênero sob o qual é designado socialmente” (A11).

✓ “A população LGBT é bastante vulnerável quanto aos seus direitos humanos, inclusive o acesso aos serviços de saúde. Isso se deve ao fato de esta população ser vítima constante de discriminação, preconceito, condutas inadequadas e constrangimentos, conotações preconceituosas e até mesmo de ofensas verbais proferidas pelos profissionais de saúde” (A12).

As políticas foram apresentadas de forma a fomentar a equidade como um dos princípios da construção de um SUS mais receptivo a essa população e mais resolutivo para com as suas demandas.

Dando continuidade, o *web* seminário correspondente ao semestre letivo de 2017.1, que foi o mais recente a ser analisado, teve um teor político de maior formalidade, em que foi apresentada, de forma mais minuciosa, a Política de Saúde Integral LGBT e sua portaria. Destacam-se seus objetivos, diretrizes e quais importantes reflexos tem essa portaria para essa minoria. Além disso, possibilita uma maior aproximação de futuros profissionais com questões mais formais, instituídas para direcionar os trabalhadores do SUS.

✓ “É importante que possamos ter acesso a essas políticas, não somente a LGBT, mas também as outras que estão sendo discutidas, porque são elas que vão direcionar nossos trabalhos mais na frente” (A16).

✓ “É interessante para a gente, profissional de saúde, ler esses objetivos (da política) para depois perceber como a gente tem atuado diante dessas questões que envolvem a participação na saúde dessa população. Porque muitas vezes pensamos que os objetivos são focados só na saúde, mas, como a gente sabe, a saúde engloba todos os outros aspectos” (A17).

As perguntas-âncora possuem então o objetivo de direcionar, instigar e trazer uma reflexão imediata para aqueles que produzem ou são audiência para os *web* seminários, sejam os próprios alunos de enfermagem ou secundaristas que, muitas vezes, não têm acesso à temática.

3.2 Diálogos de estudantes de enfermagem e ouvintes com o uso de tecnologias digitais em saúde da população LGBT

A internet foi e ainda é considerada uma das maiores invenções da informação e comunicação para o século XXI, possibilitando ao mundo comunicar-se a distância de forma mais rápida e eficaz.

Apesar de se acreditar que existe a possibilidade do uso excessivo da tecnologia por parte dos jovens, defende-se a hipótese de que também existe o uso saudável e produtivo para seu crescimento intelectual, social e psicológico. Dessa forma, o relacionamento dos jovens com a tecnologia pode ser considerado fator importante para a saúde e o desenvolvimento (SANTOS et al., 2017, p. 102).

A inclusão de tal tecnologia como estratégia de ensino-aprendizagem em uma graduação do campo da saúde é inovadora, porém não é de total surpresa na área da enfermagem, um campo de atuação que mantém certas tradições. Contudo, é empreendedor e ainda tem como uma de suas ferramentas básicas de atuação a criatividade.

No início de cada *web* seminário, os acadêmicos demonstraram nervosismo e ansiedade, pois, para além de lidar com uma temática que é muitas vezes adversa ao seu cotidiano, há a barreira do desconhecido, quando se compara aos seminários tradicionais, e a barreira da timidez, ao produzir um programa de rádio *online* para uma quantidade de pessoas não definida.

Nesse sentido, percebe-se a importância do manuseio do computador para a construção do conhecimento do futuro enfermeiro, com a prática de utilização dos programas e ferramentas de busca de pesquisas. Há problemas simples de serem solucionados, mas que contribuem para desenvolver um profissional habituado à resolução de problemas, com raciocínio rápido e prático, que é o perfil do profissional de enfermagem (TORRES et al., 2012, p. 153).

Com o caminhar do programa, os estudantes mostraram-se mais confortáveis e confiantes com a função que lhes foi outorgada, havendo assim maior interação entre eles mesmos e, também, com a audiência, desprendendo-se da divisão formal de tarefas, comumente utilizada em trabalhos grupais.

Do programa de 2015.2, pode-se destacar o seguinte questionamento: “Como vocês que estão apresentando veem à população LGBT?”. É importante salientar que a maioria dos acadêmicos não tem contato com a temática e pode, assim, reproduzir discursos homofóbicos, mesmo após leituras, uma vez que a temática não lhes é próxima ou não tem peso pessoal.

✓ “Recentemente, alguém da minha família resolveu se assumir, não é fácil essa aceitação na família, mas, ao mesmo tempo, a família quer se assegurar que nada daquilo vai acontecer com a pessoa. Porque, a partir do momento que a família tem certo preconceito com a pessoa, qualquer um de fora pode ter, “pois se a mãe ou tia tem preconceito, eu também posso ter.” Na minha opinião o que a gente tem que fazer é respeitar a individualidade da pessoa, que ela não escolheu ser assim, aconteceu com ela. As pessoas têm que tentar entender e ajudar aquela pessoa e não formar um preconceito e prejudicar ainda mais o desenvolvimento psicológico daquela pessoa” (A1).

Após o descobrimento de um familiar LGBT, quando a família tem uma aceitação relativamente positiva para além de dogmas religiosos e sociais, uma das principais preocupações demonstradas é como a sociedade vai receber esse seu parente. Isso nada mais é do que o reconhecimento da sociedade violenta em que estão inseridos os LGBT, e de todos os possíveis preconceitos que possam vir a ocorrer.

Em 2016.1, foram abordadas temáticas mais delicadas, como o casamento entre pessoas do mesmo gênero e a adoção por casais homoafetivos. A equipe estava embasada judicialmente e cientificamente, como pode ser visto a seguir a partir da resposta da equipe ao seguinte questionamento, feito por um ouvinte: “A adoção de crianças por homossexuais pode influenciar, de alguma forma, o desenvolvimento delas?”

✓ “Existem estudos que indicam que crianças de pais homossexuais não possuem diferenças na relação com crianças de pais heterossexuais. Tanto em relação ao desenvolvimento pessoal, quanto ao comportamento social. Estudos dizem também que a adoção de crianças por casais homossexuais estimula a tolerância, porque a criação dessas crianças por pais homossexuais é bastante aberta e tolerante” (A8).

A Constituição Federal Brasileira (1988, p.13) diz que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”. Isso deveria refletir na prática com a universalidade de tratamento das pessoas por suas orientações sexuais, incluindo casos de adoção. Contudo, a burocracia e a decisão final dependem de terceiros e de

como esses terceiros visualizam a influência de orientação sexual no crescimento e desenvolvimento de crianças.

O programa de 2016.2 teve como foco as vulnerabilidades a que os LGBT são expostos. As indagações feitas são reflexo de como os direitos e violências têm impacto sobre a vida dessa população, como se pode ver na pergunta a seguir: “Quais as atitudes e as maneiras com que os centros de saúde percebem a população LGBT? E quais necessidades influenciam diretamente o atendimento nos serviços de saúde?”.

É extensamente comentado pela literatura, referente à Saúde da População LGBT, que esses indivíduos têm receio de revelar sua orientação sexual ou até de comparecer aos serviços de saúde, principalmente no caso daqueles cuja orientação ou identidade de gênero são mais perceptíveis fisicamente.

Os profissionais de saúde não se mostram, muitas vezes, preparados, seja em capacidades como comunicação e empatia, seja em conhecimentos mais científicos e tecnológicos para lidar com as especificidades dessa população. Essa destreza de lidar com essas necessidades deve ser proporcionada a partir da graduação dos futuros profissionais. O quadro a seguir mostra algumas perguntas feitas pela audiência.

Quadro 3 – Apresentação das perguntas feitas pelos ouvintes nos *web* seminários sobre Saúde da População LGBT. Fortaleza-Ceará, 2015 a 2017

| Semestre Letivo | Perguntas |
|------------------------|--|
| 2015.2 | <ol style="list-style-type: none"> 1. Quais os critérios para a realização da cirurgia pelo SUS? 2. Quais as recomendações do SUS para atender à saúde desse público específico? |
| 2016.1 | <ol style="list-style-type: none"> 1. Quantas organizações nacionais compõem a ABGLT? 2. Quando foi o primeiro registro de homossexualidade no Brasil? 3. O governo fornece alguma assistência a essa população LGBT? 4. Qual o objetivo da ABGLT? 5. Porque ela foi criada? 6. A quem a gente pode denunciar casos de violência contra LGBT? 7. Qual o objetivo da “Parada Gay”? 8. Qual a população mais atingida por violência contra os LGBT? 9. Tem alguma lei para adoção? 10. Qual a diferença de travesti para transexual? |

| | |
|--------|---|
| 2016.2 | 1. O que é homofobia e como afeta a população LGBT? 2. O que é o programa Brasil Sem Homofobia? 3. Quero saber se, com o governo Temer, a população LGBT perdeu algum direito. 4. Qual é a política para o atendimento da população LGBT no SUS? |
| 2017.1 | 1. Como se deu a participação feminina no movimento LGBT na época do HIV/AIDS? |

Fonte: Elaborada pelos autores.

No decorrer da análise dos dados, foi possível identificar a contínua utilização de termos que perpetuam estigmas para com a comunidade LGBT, que os carrega perante a sociedade. Um dos termos mais utilizados foram “opção/escolha sexual”, que apareceu em um total de doze vezes no decorrer dos quatro *web* seminários, como se pode ver nos exemplos a seguir:

✓ [...] “as pessoas começaram a se conhecer e a ter uma escolha própria com relação a sua opção sexual” (A2).

“No caso, a população LGBT, cada um tem a sua escolha sexual, individualidade” (A4).

✓ [...] “eles procuram o SUS e lhes é negado o atendimento por conta da sua opção sexual. Acredito que antes deveria ser muito mais difícil de eles se tratarem do que agora” (A10).

✓ “Esse público ainda não tinha acesso a tudo isso porque, de certa forma, ainda sofriam preconceito pela opção sexual que tinha” (A14).

O senso comum, baseado em crenças e valores pessoais, fundamenta argumentos como os que confundem opção sexual com orientação sexual. Ninguém se torna heterossexual, homo ou bissexual por opção ou escolha. Um conjunto de influências de ordem bio-psico-sócio-culturais atua na construção dessa ou daquela orientação (que não é opção) sexual.

Algo que é comumente visto ao se falar da população LGBT é a diferenciação entre orientação sexual e identidade de gênero, assunto que ainda confunde muitos. Durante os *web* seminários, sentiu-se falta de uma melhor explicitação por parte dos acadêmicos sobre essa diferenciação, assim como de um estudo mais aprofundado sobre a definição, tanto de orientação sexual como de identidade de gênero, como se pode ver na fala a seguir:

✓ “A diferença entre travesti e transexual é que o travesti é assumidamente homossexual e se veste como o sexo oposto, uma pessoa, literalmente, travestida. O transexual não necessariamente tem atração pelo mesmo sexo, mas gosta de se vestir do sexo oposto” (A9).

Porém, mesmo os acadêmicos de enfermagem apresentando alguns dificuldades em alguns conceitos sobre orientação sexual e identidade de gênero, demonstraram estar preparados para facilitar seus *web* seminários, dentro de suas vivências e proximidade com a temática.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste estudo possibilitou uma maior aproximação entre a formação de futuros enfermeiros no âmbito local e suas percepções sobre a saúde da população LGBT a partir da análise dos saberes dos acadêmicos por meio do programa “Enfermagem Digital”, da Web Rádio AJIR.

O uso das tecnologias digitais da informação e comunicação como facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem se mostrou como uma forma de quebrar barreiras, favorecendo a discussão acerca de temáticas que não têm visibilidade e prioridade pedagógica na formação profissional em Enfermagem, de um jeito natural, livre, menos carregado de formalidades ou dificuldades para expressar questionamentos.

O conhecimento e reconhecimento da importância de políticas como a de Saúde Integral LGBT representam um passo muito importante para a evolução do padrão de vida de muitos brasileiros.

Os acadêmicos se mostraram preparados para a apresentação e demonstraram conhecimento sobre as leis, políticas e os fatos históricos nas suas exposições sobre os temas dos *web* seminários.

Contudo, ainda foi possível perceber certo distanciamento com a temática a partir da reprodução de termos comumente reconhecidos na militância LGBT como um reforço de preconceitos para com a comunidade. Isso leva à conclusão de que os estudantes de enfermagem ainda se encontram distantes de lutas sociais, como a luta contra a LGBTfobia e sua reverberação na vida dessas pessoas.

Concluimos, contudo, que a enfermagem continua sendo uma profissão inovadora ao se utilizar de novas tecnologias como forma de educação em saúde para além da sala de aula, entretanto ainda se mantém distante de temáticas mais politizadas que têm grande importância na formação dos profissionais mais comprometidos com as problemáticas sociais na saúde.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Portal da Saúde. **Ministério da Saúde Habilita Novos Serviços Ambulatoriais para Processo Transexualizador**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/sgep/sgepnoticias/27154-ministerio-da-saude-habilita-novos-servicos-ambulatoriais-paraprocesso-transexualizador>. Acesso em: 12 jun. 2017.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016, e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 496p., 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo: [s/l.], 1996.

SANTOS, André Luiz Lira *et al.* Cibercultura e jovens: um diálogo a partir da Psicologia. **Revista Mangaio Acadêmico**, João Pessoa, v. 2, n. 3, p.101-106, 2017. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/mangaio/article/view/4478>. Acesso em: 17 jan. 2018.

TORRES, Raimundo Augusto Martins; SILVA, Lucilane Sales da. **Promoção da educação em saúde com as juventudes no contexto escolar através de uma web rádio**. Utilizando Tecnologías en la Educación para Fortalecer la Práctica Docente en América Latina. [Online] 2016, p.320-326. ISBN 978-958-651-603-7 Disponível em: <http://rilet.org/wp-content/uploads/2016/09/1447-2690-1-SM.pdf> Acesso em: 12 jun. 2017.

TORRES, R. A. M. *et al.* Comunicação em saúde: uso de uma web rádio com escolares. **J. health inform.** V. 7, n. 2, p. 58-61, abr.-jun. de 2015.

_____. Tecnologias digitais e educação em enfermagem: a utilização de uma *web-rádio* como estratégia pedagógica. *Rev Journal of Health Informatics*. v. 4. Número especial. São Paulo, 2012.



BIOGRAFIA DOS AUTORES

RAIMUNDO AUGUSTO MARTINS TORRES – Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2009). Desenvolve estudos e pesquisas na área de Enfermagem, com ênfase em Políticas e Práticas do cuidado em Saúde, Juventude, Gênero, AIDS, Comunicação e Saúde e tecnologias da Informação, comunicação e educação.

CAROLINE BATISTA MELO – Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará (2017).

LEIDY DAYANE PAIVA DE ABREU – Doutoranda do Programa de Pós- Graduação de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.

KARLLA DA CONCEIÇÃO BEZERRA BRITO VERAS – Mestre em Ensino da Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (2017). Graduada em Enfermagem pela Universidade de Fortaleza (2011). Especialista em Obstetrícia pela Faculdade Metropolitana de Fortaleza (2014).

